

## A mulher em crônicas de Martha Medeiros

Rosana Favaro Flores & Simone Minetti Sarturi<sup>©</sup>

### Abstract<sup>©</sup>

*This work was developed from the observance of two chronics of Martha Medeiros writer. Her chronics talk about common women that they work a lot and they are value a little. Intend to identify the definitions that are given for many kinds of woman.*

### Resumo

Este trabalho foi desenvolvido a partir da análise de duas crônicas da escritora Martha Medeiros. Suas crônicas falam de mulheres comuns, que trabalham muito e são pouco valorizadas. Pretende-se identificar as definições que são dadas aos vários tipos de mulher.

### 1 Introdução

No Brasil, a crônica começou a ser publicada no jornal, há cerca de 150 anos, aproximadamente, com o advento do Romantismo e o desenvolvimento da imprensa. Atualmente, a crônica é definida como uma "seção ou texto através do qual o autor trata de assuntos cotidianos de maneira mais literária que jornalística. Pode ser também um pequeno conto de enredo indeterminado". (Manual Geral da Redação da Folha de São Paulo, 1987, p. 152). Muitos cronistas contemporâneos conseguem captar circunstâncias do cotidiano, de uma maneira tão lírica que fica difícil dizer que tais textos não assumem um caráter literário. Assim, a crônica caracteriza-se como a observação direta dos fatos do cotidiano, pois ela emociona o leitor, levando-o à reflexão dos fatos da vida real e nunca confundindo-se com uma reportagem jornalística.

A crônica tem uma estrutura específica, com leis próprias e marca regional; é voltada para o urbano, embora não abandone o rural. Seu princípio básico é registrar o circunstancial. Para tanto, ela necessita de um narrador (geralmente é o próprio autor), que se vale de um enredo, tempo e espaço, comparado a uma cronologia, sempre esclarecedora da sua relação com os seres e os objetos, trabalhados, na maioria das vezes, numa linguagem poética.

Assim sendo, a crônica pode ser considerada um texto ambíguo, que oscila entre a literatura e o jornalismo, representando o resultado da visão pessoal, subjetiva do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano. É um texto curto, redigido numa linguagem descompromissada, muito próxima da do leitor.

Em geral, o cronista explora o humor; às vezes, diz as coisas mais sérias por meio de uma conversa aparentemente sem fundamento; provoca o riso irônico que é obtido através da busca do pitoresco e, a partir disso, examina determinadas contradições da sociedade.

Apesar de toda a sua aparente simplicidade, a crônica só é compreendida quando lida criticamente, construindo o sentido de sua verdadeira significação.

Serão analisadas duas crônicas de Martha Medeiros sob o enfoque da definição. A definição é um recurso de expressão do qual o produtor do texto se serve para transmitir uma idéia, dar a entender algo quando emprega uma palavra ou se refere a um objeto ou ser. É portanto, uma operação do espírito na qual se determina a compreensão de um conceito e que exerce o papel de justificativa. Pode-se dizer, então, que a definição é a representação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem, através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes.

<sup>©</sup> Acadêmicas do 7º semestre do curso de Letras-Português. Trabalho desenvolvido sob a orientação da Profª Dra. Ceres Helena Ziegler Bevilacqua.

Ocorre de tal forma e em tal ordem, que do conjunto resulta uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do quadro, que é a matéria da descrição.

O desenvolvimento por definição pode envolver a descrição de detalhes, a apresentação de exemplos e, sobretudo, confrontos ou paralelos, muito freqüentes na exposição didática. Por outro lado, nos dicionários, o que se encontra é uma análise semântica da palavra ou verbete, a qual se confunde com a descrição do próprio objeto, da coisa a que se refere. Portanto, podem-se definir palavras como também coisas. Todavia, nem todas as coisas admitem definição, segundo os rigores da lógica.

## 2 Análise das crônicas

Apesar de todos os avanços tecnológicos conquistados pelo homem, ainda existe algo que representa um fator antiprogressivo: o preconceito em relação à mulher. Esta, a cada dia que passa, vence maior número de barreiras; entretanto, o homem está sempre lhe impondo outras. Às vezes, mesmo involuntariamente, o homem faz isso. O fato se deve ao machismo que lhe foi imposto, quando era criança, visto que a maioria dos pais deseja que seu filho seja um "Don Juan", mito que atraía mulheres.

A definição machista, que ainda persiste na sociedade de hoje, na qual a mulher deve ficar em casa e cuidar dos filhos é algo totalmente ultrapassado. Atualmente, as mulheres estão tentando romper essa barreira. Isso começou faz algum tempo, e as mulheres que tiveram coragem de reclamar ao mundo os seus direitos foram chamadas de "feministas".

Nas crônicas em análise, mostrar-se-á esse tipo de comportamento sob o ponto de vista da mulher, a qual tenta se sobressair a esse machismo, que tanto a oprimiu e agora serve de estímulo para lutar pelos seus objetivos. A maioria das mulheres não se deixa mais abater por essas atitudes deploráveis; pelo contrário, ela estuda, trabalha, sustenta os filhos e a casa, muitas vezes, e, mesmo assim, ainda encontra tempo para sorrir e amar. Ela está muito auto-suficiente, o que deve ser motivo de orgulho, pois muitos homens, que se consideram dignos de aplausos, somente os recebem porque foram ajudados por alguém, quase sempre uma mulher. Estudos revelam que o homem é muito

mais dependente do que se imagina; por outro lado, a mulher, consegue sobreviver sozinha.

### O MULHERÃO

Peça para um homem descrever um mulherão. Ele imediatamente vai falar no tamanho dos seios, na medida da cintura, no volume dos lábios, nas pernas, bumbum e cor dos olhos. Ou vai dizer que mulherão tem que ser loira, 1,80m, siliconada, sorriso colgate. Mulherões, dentro deste conceito, não existem muitas: Vera Fischer, Leticia Spiller, Malu Mader, Adriane Galisteu, Lumas e Brunas. Agora pergunte para uma mulher o que ela considera um mulherão e você vai descobrir que tem uma em cada esquina.

Mulherão é aquela que pega dois ônibus para ir para o trabalho e mais dois para voltar, e quando chega em casa encontra um tanque lotado de roupa e uma família morta de fome. Mulherão é aquela que vai de madrugada pra fila garantir matrícula na escola e aquela aposentada que passa horas em pé na fila do banco pra buscar uma pensão de 100 reais. Mulherão é a empresária que administra dezenas de funcionários de segunda a sexta, e uma família todos os dias da semana. Mulherão é quem volta do supermercado segurando várias sacolas depois de ter pesquisado preços e feito malabarismo com o orçamento.

Mulherão é aquela que se depila, que passa cremes, que se maquia, que faz dieta, que malha, que usa salto alto, meia-calça, ajeita o cabelo e se perfuma, mesmo sem nenhum convite para ser capa de revista. Mulherão é quem leva os filhos na escola, busca os filhos na escola, leva os filhos pra natação, busca os filhos na natação, leva os filhos pra cama, conta histórias, dá um beijo e apaga a luz. Mulherão é aquela mãe de adolescente que não dorme enquanto ele não chega e que de manhã bem cedo já está de pé, esquentando o leite.

Mulherão é quem leciona em troca de um salário mínimo, é quem faz serviços voluntários, é quem colhe uva, é quem opera pacientes, é quem lava roupa pra fora, é quem bota a mesa, cozinha o feijão e à tarde trabalha atrás de um balcão. Mulherão é quem cria filhos sozinha, quem dá expediente de oito horas e enfrenta menopausa, TPM e menstruação. Mulherão é quem arruma os armários, coloca flores nos vasos, fecha a cortina para o sol não desbotar os moveis, mantém a geladeira cheia e os cinzeiros vazios. Mulherão é quem sabe onde cada coisa está, o que cada filho sente e qual o melhor remédio pra azia.

Lumas, Brunas, Carlas, Luanas e Sheilas: mulheres nota dez no quesito lindas de morrer, mas mulherão é quem mata um leão por dia.

(MEDEIROS, Martha. *Trem - Bala*. Porto Alegre: L&PM, 1999.)

A crônica "O Mulherão", de Martha Medeiros, é um texto descritivo, que fala de uma personagem. Trata do dia-a-dia da verdadeira mulher brasileira, aquela que enfrenta tudo e todos e não é considerada mulherão (pelos homens) por não ter um par de pernas bonitas, olhos claros e 1,80m de altura.

No meio de tantos mulherões, como Lumas, Brunas e Luanas, a mulher comum fica esquecida, simplesmente porque "mulherão" é um termo ambíguo e machista. Mas para as

mulheres, o termo vai muito mais além disso: mulherão é aquela que luta todos os dias pela sua própria sobrevivência, enfrenta sol e chuva e, mesmo assim, nunca desanima. A mulher define o que é ser um "mulherão" usando a razão, através da valorização dos atributos intelectuais, enquanto o homem se utiliza do instinto para defini-la como símbolo sexual.

#### MULHER DE UM HOMEM SÓ

Ela é como o urso panda, está quase extinta do planeta. Quando alguém a ouve dizendo "sou mulher de um homem só", corre para o celular mais próximo e chama a imprensa para documentar. Quem é, afinal, essa mulher tão rara?

A mulher de um homem só casou virgem com um escritor que detesta badalação. A última festa em que ele compareceu foi a do seu próprio casamento, a contra-gosto. Ele só gosta de música barroca, uísque e poesia. Não quis ter filhos. É um homem terrivelmente só que se casou apenas para que alguém cozinhasse para ele, pois odeia restaurantes.

A mulher do homem só tenta animá-lo. Convida-o para subir a serra e comer um fondue. O homem faz que não com a cabeça. A mulher convida para ir a uma feira de antiguidades. Ele dá um sorriso sarcástico. Ela convida para ir na Casa Cor. Ele tem espasmos. Ela convida para um teatro. Ele pega no sono antes que ela diga o nome da peça.

O homem só gosta de ficar em casa. Não vai ao cinema, nem a parques, nem a bares. Não visita ninguém. Não votou na última eleição. Não comparece às reuniões de condomínio. Tem alergia a gente.

A mulher do homem só tentou festejar os 50 anos dele. Convidou os poucos conhecidos do marido: um irmão, o editor e a mulher deste. Comprou cerveja, colocou o CD do Paulinho da Viola e flores nos vasos. Os convidados chegaram e se foram sem ouvir a voz do homem só. Ele apenas resmungou um obrigado quando recebeu um livro do editor e disse qualquer coisa inaudível ao ganhar meias do irmão. Passou calado a noite inteira. Quando pediu licença para ir ao banheiro, não voltou mais.

A primeira vez que a mulher do homem só disse "sou mulher de um homem só" foi para um motorista de táxi, que ficou muito impressionado. Ela era jovem, bonita, mas tinha uma tristeza comovente no olhar. Era a última corrida dele e, impulsivamente, convidou-a para uma caipirinha. Ela aceitou e, pela primeira vez em muitos anos, teve uma noite animada.

A segunda vez que ela disse "sou mulher de um homem só" foi para o vizinho do sexto andar. Estavam sozinhos no elevador e ele fingiu não ouvir. Nunca haviam trocado nem um bom-dia, quanto mais uma confidência. Mas ela repetiu: "sou mulher de um homem só". Dessa vez falou de um jeito tão carente que ele se viu obrigado a

tomar uma providência. O sexto andar acabou malfalado no prédio.

A mulher do homem só, então, passou a ter a agenda cheia: o professor de computação, o gerente do banco, o dono do posto de gasolina. Vivia para cima e para baixo com seus novos amigos: cinema, shopping, vernissages. Não corria o risco de encontrar o marido em nenhum desses lugares. Começou a usar decotes, maquiagem e ria alto. Nunca se sentira tão feliz. Surgia cada dia com um parceiro diferente nas festas, nas inaugurações de lojas, nos passeios pelo mercado público. Ganhou má fama. E quanto mais o povo falava, mais ela desdenhava. Ninguém fazia a mínima idéia do que era ser mulher de um homem só.

(MEDEIROS, Martha. *Trem – Bala*. Porto Alegre: L&PM, 1999.)

Por outro lado, a crônica "Mulher de um homem só" descreve a personagem que ousa mudar sua triste realidade, apesar das críticas. A mulher de hoje não quer somente o reconhecimento pelo seu trabalho, mas quer também receber a atenção, o respeito e o amor, sentimentos primordiais para alguém atingir a felicidade.

Essa crônica pode ser definida como machista a partir do próprio título. Nela, sob o ponto de vista masculino, a mulher é apresentada como uma pessoa fiel, que se preocupa com os afazeres da casa, que tem cuidados com o marido, zela por suas roupas. Entretanto, a mulher define a "Mulher de um homem só", como aquela que tem ao lado um ser alienado, triste e acomodado, sem dinamismo e que, de certa forma, a induz à traição.

As duas crônicas em questão podem ser relacionadas da seguinte forma: ambas as mulheres descritas merecem aplausos, uma pelo destaque na luta diária, a outra por surpreender pela ousadia de mudar. As definições exercem o papel de justificativas das idéias. Descrever, caracterizar e/ou explicar são recursos eficazes no momento de definir algo.

#### Referências bibliográficas

MANUAL GERAL DA REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO. 2ª. Ed. página. 152. 1987.

MEDEIROS, Martha. *Trem – Bala*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 6.ed. São Paulo: ÁTICA, 1999.